

Aperfeiçoando os modelos de EAD existentes na formação de professores

Improving EAD current models of the teachers formation

JOSÉ MANUEL MORAN*



RESUMO – Existem, basicamente, no Brasil dois grandes modelos de EAD, na formação de professores, com muitas variáveis: No primeiro, aparece mais o professor no seu papel tradicional, onde é visto pelos alunos ao vivo (tele-aula) ou em aula gravada (vídeo-aula). Além das aulas, há leituras e atividades presenciais e virtuais (modelo tele/vídeo-aula). No segundo modelo, o professor não “dá aula”, ele se comunica através de materiais impressos e digitais, escritos de forma dialogada e com tutoria presencial em pólos e/ou virtual, através da Internet. Utiliza alguns vídeos eventualmente, não sistematicamente (modelo WEB). O artigo mostra os avanços havidos na EAD na formação de professores e faz algumas propostas para termos efetivamente uma educação a distância de qualidade.

Descritores – Educação a distância; ensino superior; tele-aula; educação online; formação de professores.

ABSTRACT – There are basically two models in Brazil of Distance Learning in teacher education, with many variables: First, the teacher appears in its more traditional role, which is seen by the students live (tele-class) or class recorded (video-class). Besides classes, there are readings and activities and virtual presence (model tele/video-class). In the second model, the teacher does not “give lessons,” he makes his communication through print and digital materials, with mentoring presence in local places or virtual, through the Internet. He uses some videos, not systematically (Web model). The article shows the progress held in Distance Learning in teacher education and make some proposals to have an effective distance education quality.

Key words – Distance education; higher education; class satellite; online education; teacher education.

Aos poucos se percebe que as atividades a distância são fundamentais para a aprendizagem atual, para atender a situações muito diferenciadas de uma sociedade cada vez mais complexa. A EAD – educação a distância –, apesar do preconceito de muitos, é fundamental para poder modificar processos insuficientes e caros de ensinar para muitas pessoas, ao longo da vida.

A educação a distância é educação e tem que ser de qualidade, como a educação presencial (NASCIMENTO; CARNIELLI, 2007). EAD de qualidade é aquela que ajuda o aluno a aprender igual ao presencial. Não se mede isso pelo número de alunos envolvidos, mas pela seriedade e coerência do projeto pedagógico, pela qualidade dos gestores, educadores mediadores e, também, pelo envolvimento do aluno. As instituições sérias no presencial costumam desenvolver um trabalho sólido a distância. E aquelas que são menos sérias, que focam mais

os interesses econômicos no presencial, costumam ver a EAD como um caminho para obter maior lucratividade. Alguns autores servem de base para a avaliação do ensino superior a distância no Brasil, entre eles se destacam: Litto e Formiga (2009), Valente (2009), Almeida (2009), Gatti (2002), Silva (2003) e Oliveira e Oliveira (2009).

Temos modelos de EAD muito interessantes, diversificados e cada vez mais sólidos, com diferenças na qualidade e possibilidades de aperfeiçoamento. Todos são complexos, utilizam várias mídias, têm momentos presenciais e atividades a distância predominantemente pela WEB.

Existem, basicamente, no Brasil dois grandes modelos de EAD, na formação de professores, com muitas variáveis: No primeiro, aparece mais o professor no seu papel tradicional, onde é visto pelos alunos ao vivo (tele-aula) ou em aula gravada (vídeo-aula). Além das aulas, há

* Professor de novas tecnologias na Universidade de São Paulo (aposentado). Avaliador de instituições superiores do Ministério de Educação. Home page: www.eca.usp.br/prof/moran E-mail: jmmoran@usp.br
Artigo recebido em: maio/2009. Aprovado em: junho/2009.

leituras e atividades presenciais e virtuais (modelo tele/vídeo-aula). No segundo modelo, o professor não “dá aula”, ele se comunica através de materiais impressos e digitais, escritos de forma dialogada e com tutoria presencial em pólos e/ou virtual, através da Internet. Utiliza alguns vídeos eventualmente, não sistematicamente (modelo WEB).

No modelo tele-aula, os alunos vão a determinadas salas, nos pólos, onde assistem a aulas transmitidas por satélite, ao vivo, uma ou duas vezes por semana. Os alunos enviam perguntas e o professor responde as que considere mais relevantes. Em geral, depois da tele-aula, os alunos se reúnem, em pequenos grupos, para realizar atividades de discussão e aprofundamento de questões relacionadas com a aula dada, sob a supervisão de um mediador, chamado professor tutor local. Além das aulas, os alunos costumam receber material impresso e orientações de atividades para fazer durante a semana, individualmente, com o acompanhamento de um professor tutor online ou eletrônico (MORAN, 2008).

No formato vídeo-aula, as aulas são produzidas em estúdio e vistas pelos alunos, individualmente ou reunidos em salas, com o acompanhamento de um professor orientador/tutor ou não. Também há dois modelos predominantes utilizando a vídeo-aula, um semi-presencial e outro online.

O modelo mais usual é o de salas, onde o aluno vai presencialmente uma ou várias vezes por semana e um tutor supervisiona a exibição do vídeo e as atividades relacionadas ao conteúdo da disciplina. Tira dúvidas, sob a coordenação de um professor responsável por essa disciplina. Este modelo é muito útil principalmente para cidades pequenas, sem condições para a instalação de uma instituição de ensino superior presencial.

Outro modelo é com vídeo-aulas que os alunos acessam via WEB ou recebem por CD ou DVD. Os alunos assistem as vídeo-aulas em casa ou no trabalho, lêem o material impresso e fazem as atividades, que são entregues a um tutor online, num ambiente de aprendizagem digital, como o Moodle. Os alunos só vão a um pólo para a avaliação online. Os modelos de vídeo-aula, que utilizam mais a WEB como ambiente de aprendizagem e de interação, precisam rever o seu projeto à luz das normas atuais legais, focando muito mais o apoio local ao longo do curso e não só na avaliação.

Já o modelo WEB foca o conteúdo disponibilizado pela Internet e por CD ou DVD também. Além do material na WEB, os alunos costumam ter material impresso por disciplina ou módulo. Os ambientes principais de aprendizagem são o Moodle, o Blackboard e o Teleduc. Algumas instituições têm o seu próprio ambiente digital de aprendizagem. Começa-se a utilizar a web-conferência para alguns momentos de interação presencial com

os alunos, para orientações, dúvidas e manutenção de vínculos afetivos.

Até agora, temos basicamente dois modelos diferentes de ensino superior a distância via web: o modelo mais virtual e o modelo semi-presencial. No modelo virtual, a orientação dos alunos é feita à distância pela Internet ou telefone. Os alunos se reportam ao professor e ao tutor, durante o semestre, e, geralmente, se encontram presencialmente só para fazer as avaliações. É um modelo predominante onde tudo acontece na Internet e os encontros presenciais são mais espaçados, porque não existem os pólos para o apoio semanal.

No modelo semipresencial, como os do Consórcio CEDERJ (<http://www.cederj.edu.br/fundacaoecierj/index.php>) das universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro, os alunos têm pólos perto de onde moram e, além do tutor online, têm o tutor presencial no pólo, com quem podem tirar dúvidas e participar das atividades solicitadas e dos laboratórios de informática e específicos do curso. Esse modelo é replicado pelas universidades públicas, sob a gestão da UAB – Universidade Aberta do Brasil, que fazem parceria com as prefeituras para a instalação dos pólos de apoio presenciais.

O QUE ESTÁ DANDO CERTO NO MODELO EAD TELE/VÍDEO-AULA

É muito importante para os alunos o contato com os professores especialistas, ao vivo, a distância por tele-aula ou videoconferência. Mantém um vínculo com os modelos presenciais, que têm os professores como referências concretas.

A organização das turmas de recepção em salas reproduz o modelo do presencial de grupo, de classe, contribui para criar vínculos sociais, afetivos, intelectuais. Nesse modelo a passagem para a EAD é mais suave.

As aulas são mais produzidas, têm mais recursos de apoio (entrevistas, vídeos, animações, jogos). O modelo professor falando com apoio do PowerPoint está desgastado. Há uma valorização maior da participação dos alunos, estabelecendo vínculos com os pólos, intercalando na aula algumas atividades de discussão ou problematização.

Depois da tele-aula, é colocado um link dela disponível no ambiente virtual, para que os alunos possam rever a aula quando o acharem conveniente (em algumas instituições o link fica disponível por poucos dias, pode ser acessado no pólo ou pode ser adquirido no formato DVD da aula, na biblioteca do pólo).

Além das tele-aulas, há um avanço em algumas instituições no pós-aula, em que o professor retoma alguns tópicos da tele-aula e os amplia num segundo momento através de uma web-aula, de uma audioconferência, *podcast* ou recurso semelhante. É uma forma de reforço,

ampliação e personalização da tele-aula, para focá-la melhor, tirar dúvidas. Esse material está disponível para o aluno no ambiente digital do curso. Há uma ligação maior entre tele-aula, a web ou áudio-aula e os estudos independentes. Academicamente, o projeto está mais integrado agora do que no começo. Começa-se pela tele-aula, o professor retoma as questões de uma forma mais dialógica e faz a integração com as atividades individuais de estudo e pesquisa. As instituições começam a perceber a importância de divulgar e re-utilizar mais as próprias produções dos alunos, principalmente as feitas em vídeo. São utilizadas como subsídio das tele-aulas e muitas ficam disponibilizadas na biblioteca digital.

Há um melhor aproveitamento da cenografia. Alguns estúdios contam com equipamento de cenário virtual, que permite inserir o professor em ambientes relacionados com os temas da sua fala. Tem professores que representam personagens vinculados com o conteúdo, trazem profissionais para aproximar as idéias da experiência prática.

Alguns professores desenvolvem formas de comunicação mais direta com os alunos: mobilizam os pólos com alusões diretas, com reorganização do espaço físico, com gincanas, concursos, sketches, representações, simulações.

Essa comunicação direta, ao vivo, é vista como grande diferencial neste modelo pelos coordenadores deste modelo de tele-aula. Os alunos gostam de sentir o contato com o professor ao vivo, enviar-lhe perguntas, sentir-se incluídos, mesmo que esporadicamente. Os alunos gostam desse contato com o professor, de saber-se citados, ver-se representados. Há uma certa mitificação do professor, os alunos os vêem como atores de TV. Tenho observado que professores, inicialmente resistentes a esse modelo, com a prática mudam de opinião, sentem-se confortáveis, porque a tele-aula reforça e amplia o seu papel de transmissor da informação e cria essa aura de visibilidade conferida por aparecer na TV.

Os alunos manifestam o sentimento de que participam de algo mais amplo do que em uma aula presencial comum, porque compartilham questões com alunos de todo o país, podem confrontar visões com culturas diferentes. Esta interculturalidade poderia ser muito mais explorada, nas próprias tele-aulas e no ambiente virtual.

O recurso de web-conferência ou de áudio-conferência pode ser útil para orientação de grupos, para tirar algumas dúvidas, para orientação de estágio e TCC. Trabalhos de apresentação de alunos podem ser realizados também dessa forma. Algumas instituições já realizam a defesa da monografia em cursos de pós-graduação através de programas de web-conferência, o que permite a conexão em tempo real e a possibilidade de cada um conectar-se onde o considerar mais conveniente.

Apesar dos avanços mostrados pelos coordenadores desses cursos por tele-aula, observamos que privilegiam a transmissão da informação pelo professor numa época em que a informação está disponível por várias mídias e que o papel do professor pode ser muito mais importante se ele se transforma em orientador, em contextualizador das questões dos alunos.

Uma figura que as instituições estão criando é a de Coordenador pedagógico do pólo para todos os cursos. Ele é o responsável institucional pelo bom andamento dos cursos no local, coordena as atividades dos tutores, supervisiona o funcionamento da infraestrutura e a acadêmica.

Um enfoque diferente do modelo de tele-aula poderia inverter o processo. A tele-aula poderia ser um ponto de chegada e não só um ponto de partida da informação. Os alunos tomariam contato com um assunto, a partir de alguns materiais prévios (impressos, em áudio e vídeo), realizariam algumas atividades de compreensão e pesquisa individualmente e em grupo. Discutiriam essas questões com os tutores e encaminhariam os resultados da pesquisa e as questões principais para o professor que na tele-aula avaliaria todo o processo e traria contribuições específicas para aqueles grupos naquele momento.

Vivemos atualmente uma fase de regulação maior da EAD pelo Ministério de Educação. Há uma pressão forte para que todas as instituições que atuam no ensino superior a distância, principalmente na graduação, revejam seus projetos pedagógicos e se adaptem ao modelo semi-presencial, com pólos presenciais mais estruturados e atuantes, de acordo com as normas legais atuais, que se expressam nos instrumentos de credenciamento, autorização de cursos a distância e de autorização de pólos. As instituições que atuam no modelo de atendimento online via WEB, utilizando os pólos só para avaliação presencial, terão que adaptar-se a estas normas – enquanto não houver mudanças – para obter o recredenciamento ou o reconhecimento dos cursos.

É difícil avaliar com isenção os resultados da educação a distância, principalmente na formação de professores, porque somente em 2005-2006 foi comparado pelo Prof. Dilvo Ristoff o desempenho dos alunos dos mesmos cursos nas modalidades a distância e presencial do ENADE. Em sete das treze áreas onde essa comparação é possível, alunos da modalidade a distância se saíram melhor do que os demais. Quando a análise é feita apenas levando em conta os alunos que ainda estão na fase inicial do curso – o ENADE permite separar o desempenho de ingressantes e concluintes –, o quadro é ainda mais favorável ao ensino a distância: em nove das 13 áreas o resultado foi melhor. Nesses casos, turismo e ciências sociais apresentaram a maior vantagem favorável aos cursos a distância. Geografia e história foram os cursos em

que o ensino presencial apresentou melhor desempenho (VIANNEY, 2008).

Infelizmente, os dados posteriores do ENADEE, divulgados pelo INEP, não separam os resultados dos alunos dos cursos presenciais e a distância. Quando mostrei verbalmente a dirigentes do INEP a importância dos pesquisadores terem acesso aos dados do EAD e do presencial para poderem fazer um estudo comparativo mais consistente, percebi uma certa resistência em facilitá-los, por injunções políticas. Sem esses dados, as análises ficam bastante prejudicadas. Por isso, é difícil ter uma perspectiva clara de que instituições estão fazendo um bom trabalho em EAD e das que não estando obtendo bons resultados.

SUGESTÕES PARA APERFEIÇOAMENTO DOS CURSOS A DISTÂNCIA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Diante da dificuldade de muitos alunos em adaptar-se ao processo de aprendizagem a distância, vale a pena pensar em propostas que implantem a metodologia da EAD de forma mais progressiva. Cursos a distância com alunos com maiores dificuldades (em média) de autonomia – ex: EJA, cursos técnicos, tecnológicos, graduação de cursos com alunos com pouca fluência de leitura, escrita e pouca independência pessoal – poderiam ter um processo de entrada mais suave na EAD. Começar com uma ambientação tecno-pedagógica para a EAD mais forte, feita presencialmente em parte, em laboratórios, com bastante mediação tutorial.

O primeiro ano desses cursos teria uma carga horária presencial maior do que a habitual, haveria mais encontros presenciais, mais tutoria local, mais aulas ao vivo junto com as demais atividades online, só que em quantidade menor, nesse primeiro ano.

Com esse ano de transição entre o modelo presencial e o a distância, o aluno estaria melhor preparado para enfrentar os desafios de caminhar para uma maior autonomia, para poder gerenciar melhor o seu tempo, para trabalhar mais virtualmente. Assim, a partir do segundo ano, aumentaria a virtualização do curso, com menos encontros e tutoria presenciais e mais orientação e atividades pela WEB.

No primeiro ano, as aulas seriam mais informativas, ao vivo ou por vídeo-aulas fáceis, com histórias, representações, entrevistas, como acontece, por exemplo, no Telecurso 2000 ou no Teletec da Fundação Roberto Marinho. As atividades poderiam ser feitas em pequenos grupos presencial e virtualmente, para aprenderem juntos, dar-se apoio, manterem vínculos, não desistirem. Progressivamente haveria mais leituras, atividades mais complexas individuais e em grupo, pela WEB.

Cursos de formação de professores, que hoje utilizam mais a WEB, poderiam incorporar vídeo-aulas ou tele-aulas interessantes e motivadoras, como elementos enriquecedores da experiência de aprender online. Os cursos que se baseiam em textos na web, mesmo que bem produzidos e em tom dialógico, exigem um salto cultural grande demais, num primeiro momento, para alunos vindo de escolas pouco exigentes e que não desenvolveram o hábito da pesquisa contínua e produção autônoma.

É interessante a organização de aulas produzidas de forma mais inteligente e econômica, principalmente na formação de professores. As universidades públicas, através da gestão da UAB – Universidade Aberta do Brasil – poderiam criar materiais, principalmente os audiovisuais, de forma integrada, gastando menos recursos na produção e concentrando-os mais na tutoria e na adaptação à realidade regional. Universidades com competência reconhecida em algumas áreas fariam essas produções de vídeo-aulas e do material de apoio básico (livros...), que serviriam de base para os cursos semelhantes de outras instituições e que poderiam ter algumas adaptações regionais, aproveitando a maior parte da produção já feita.

Em EAD não precisamos todos fazer tudo. A especialização pode baratear enormemente os custos, sem diminuir a qualidade. Esses materiais poderiam estar disponíveis no portal do Ministério para todas as instituições públicas e privadas. O dinheiro de educação é pago com os nossos impostos e se um material pode ser útil para muitos, por que não disponibilizá-lo? A educação a distância não é só conteúdo pronto, mas conhecimento construído a partir de leituras, discussões, vivências, práticas, orientações, atividades. Disponibilizaríamos os materiais básicos e cada instituição os adaptaria ao seu projeto pedagógico. Por que todos temos que fazer os mesmos materiais sempre de forma isolada, principalmente na formação de professores?

Nos cursos presenciais poderíamos também flexibilizar a relação presencial-digital de forma progressiva. No primeiro ano, as atividades aconteceriam mais na sala de aula. Haveria uma ênfase maior na aprendizagem do uso das tecnologias digitais feito no laboratório até o aluno ter o domínio do virtual e poder fazê-lo a distância. Algumas disciplinas teriam no máximo, nesse primeiro ano, vinte por cento de atividades a distância. Do segundo ano em diante, a porcentagem de EAD poderia aumentar até chegar a metade em sala de aula e metade a distância (sem ultrapassar a carga total de vinte por cento a distância, enquanto não mudar a legislação vigente).

Nos modelos WEB é importante utilizar mais a vídeo-aula, a tele-aula, a web-conferência e o uso também de tecnologias móveis.

Nos modelos tele-aula convém ter menos aulas expositivas e melhorar a produção, combinada com atividades significativas em sala e na WEB. Nestes modelos precisamos aproveitar melhor os recursos da WEB e as tecnologias móveis.

Também precisam melhorar os processos de gestão, tendo uma política de compartilhamento dos materiais de produção audiovisual e de textos básicos. Assim, desperdiçaremos menos recursos e tempo, concentrando-nos no que é importante, em atender o aluno, em orientá-lo, tirar dúvidas, adaptar o currículo às suas necessidades, características, trajetória e expectativas.

CONCLUSÃO

A educação a distância está se transformando, de uma modalidade complementar ou especial para situações específicas, em referência para uma mudança profunda do ensino superior como um todo. Este utilizará cada vez mais metodologias semi-presenciais, flexibilizando a necessidade de presença física, reorganizando os espaços e tempos de ensino e aprendizagem. A educação a distância está se expandindo, sem dúvida, mas também afetando profundamente à educação como um todo. Num mundo conectado em redes, onde aumenta a mobilidade, a educação a distância hoje passou de uma modalidade complementar a ser eixo norteador das mudanças profundas da educação como um todo, principalmente no ensino superior. Infelizmente muitas Faculdades de Educação não estão atentas a estas mudanças e continuam preparando os professores para uma escola tradicional, do passado, sem utilização destes recursos em rede e sem desenvolver as competências digitais.

É possível aprender a distância de várias formas. No Brasil, estamos ainda numa fase de mudanças profundas na educação a distância, pela evolução rápida das tecnologias em rede, das tecnologias móveis e pela necessidade de incluir o maior número de alunos possível no ensino técnico e no superior. Num país com tantas necessidades e diversidade, é importante poder ter projetos consistentes

com propostas diferentes, que sejam bem acompanhados e avaliados, principalmente na formação humanista inovadora dos futuros professores do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.E. As teorias principais de andragogia e heutagogia. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 105-111.

GATTI, B. **A formação de professores a distância: critérios de qualidade**. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/ead/eadtxt1b.htm>>. Acesso em: 7 maio 2009.

LITTO, F.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MORAN, José Manuel. A educação a distância e os modelos educacionais na formação dos professores. In: BONIN, I. et al. **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: políticas e tecnologias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Cap. 4, p. 245-259. (XIV Endipe).

NASCIMENTO, F.; CARNIELLI, B. L. Educação a distância no ensino superior: expansão com qualidade? **Etd – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 84-98, nov. 2007.

OLIVEIRA, T.Z.; OLIVEIRA, P.C. **Perspectivas sociais e políticas da ead no brasil: uma visão panorâmica com foco na produção científica para o setor**. Disponível em: <http://twiki.im.ufba.br/pub/Main/PauloCezarOliveira/artigo_ead_pctz.doc>. Acesso em: 11 abr. 2009.

SILVA, A.; SILVA, C. Avaliação da aprendizagem em ambientes virtuais: rompendo as barreiras da legislação. Trabalho apresentado no CONGRESSO DA ABED, 2008, Santos, SP. Disponível em: <www.abed.org.br/congresso2008/tc/510200863228PM.pdf>. Acesso em 20 jan. 2009.

VALENTE, José Armando. Aprendizagem por computador sem ligação à rede. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 65-71.

VIANNEY, João. A ameaça de um modelo único para a EaD no Brasil a ameaça de um modelo único para a EaD no Brasil. **Colabor@ – Revista Digital da CVA-RICESU**, v. 5, n. 17, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.ricesu.com.br/colabora/n17/index1.htm>>. Acesso em: 10 maio 2009.